

AS TRÊS ONDAS DO ESTUDO DA VARIAÇÃO: A EMERGÊNCIA DO SIGNIFICADO NO ESTUDO DA VARIAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA¹

Penelope Eckert (Stanford University)

eckert@stanford.edu

<https://orcid.org/0000-0003-1918-4041>

Tradução:

Samuel Gomes de Oliveira

samuelgdo@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-1660-3354>

Lívia Majolo Rockenbach

livia.rockenbach@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-2346-1697>

Athany Gutierrez

athany@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-3625-4240>

RESUMO: *O tratamento do significado social na variação sociolinguística organizou-se em três ondas de prática analítica. A primeira onda de estudos de variação estabeleceu amplas correlações entre as variáveis linguísticas e as categorias macrosociológicas de classe socioeconômica, sexo, classe, etnia e idade. A segunda onda empregou métodos etnográficos para explorar as categorias e configurações locais que habitam ou constituem essas categorias mais amplas. Em ambas as ondas, a variação era vista como marca de categorias sociais. Este artigo estabelece uma fundamentação teórica para a terceira onda, argumentando que (a) a variação constitui um sistema semiótico social robusto, que potencialmente expressa toda a gama de questões sociais em uma determinada comunidade; (b) os significados das variáveis são subespecificados, ganham significados mais específicos no contexto dos estilos; e (c) a variação não apenas reflete, mas também constrói o significado social e, portanto, é uma força na mudança social.*

¹ O artigo “Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation” foi originalmente publicado no periódico *Annual Review of Anthropology* (v. 41, p. 87-100), em 2012. A presente tradução foi autorizada por sua autora.

PALAVRAS-CHAVE: *indexicalidade, estilo, registro, significado social*

O destino do significado social no estudo da variação

O primeiro estudo quantitativo sobre variação linguística realizado em uma comunidade foi inteiramente a respeito do significado social. Com base em observações etnográficas e entrevistas em Martha's Vineyard, William Labov (1963) afirmou que a pronúncia de /ay/ havia sido recrutada como um recurso indexical em uma disputa ideológica local. Esse ditongo tinha um núcleo centralizado no dialeto vineyardense, mas, há alguns anos, os falantes da ilha seguiam a tendência do continente de abaixar o núcleo para [a]. Labov descobriu que alguns falantes estavam revertendo essa tendência de abaixamento, realizando um movimento perceptível para recapturar uma das características mais salientes do dialeto característico da ilha. Liderado pela comunidade pesqueira de etnia inglesa, cujo controle sobre a economia local estava sob ameaça da indústria turística controlada pelo continente, esse ressurgimento de uma pronúncia local tradicional constituiu uma reivindicação de autenticidade dos ilhéus. Esse movimento foi um exemplo clássico do funcionamento do que Silverstein (2003) chamou de “ordem indexical”, pela qual um recurso que apenas marcava um falante como um vineyardense passou a ser usado estilisticamente, dentro da ilha, para indexar um tipo específico de vineyardense, destacando um aspecto particular da identidade da ilha.

Esse estudo revelou, sem dúvida, que os falantes exploram a variabilidade linguística de forma sistemática para adicionar uma camada de significado social ao significado denotacional, que é o foco principal da maioria dos linguistas. E, ao fazê-lo, levantou uma série de questões sobre o encaixamento linguístico e social da variação. Nas décadas que se seguiram, porém, o estudo social da variação afastou-se rapidamente do significado social para se concentrar em categorias macrossociológicas, pois elas revelam (e presumivelmente estruturam) a disseminação da mudança linguística pelo espaço social. Essa primeira onda de estudos constituiu um recuo da etnografia para os estudos de larga escala², e das categorias

² N.T.: Do original: *survey studies*. A pesquisa classificada como *survey* coleta dados e informações a partir de características dos informantes dos grupos considerados. É uma investigação que se caracteriza pelo emprego de macro categorias sociais e busca obter amostras representativas da população, de forma que os resultados encontrados possam embasar generalizações para todo o universo em estudo.

sociais locais para as categorias primárias dos sociólogos. A história subsequente do estudo da variação ocorreu em duas ondas seguintes, retornando, primeiro, aos métodos etnográficos com foco na dinâmica local e, finalmente, ao significado. Descrevo, brevemente, as duas primeiras ondas e enfatizo a terceira, que está em sua infância.

A primeira onda

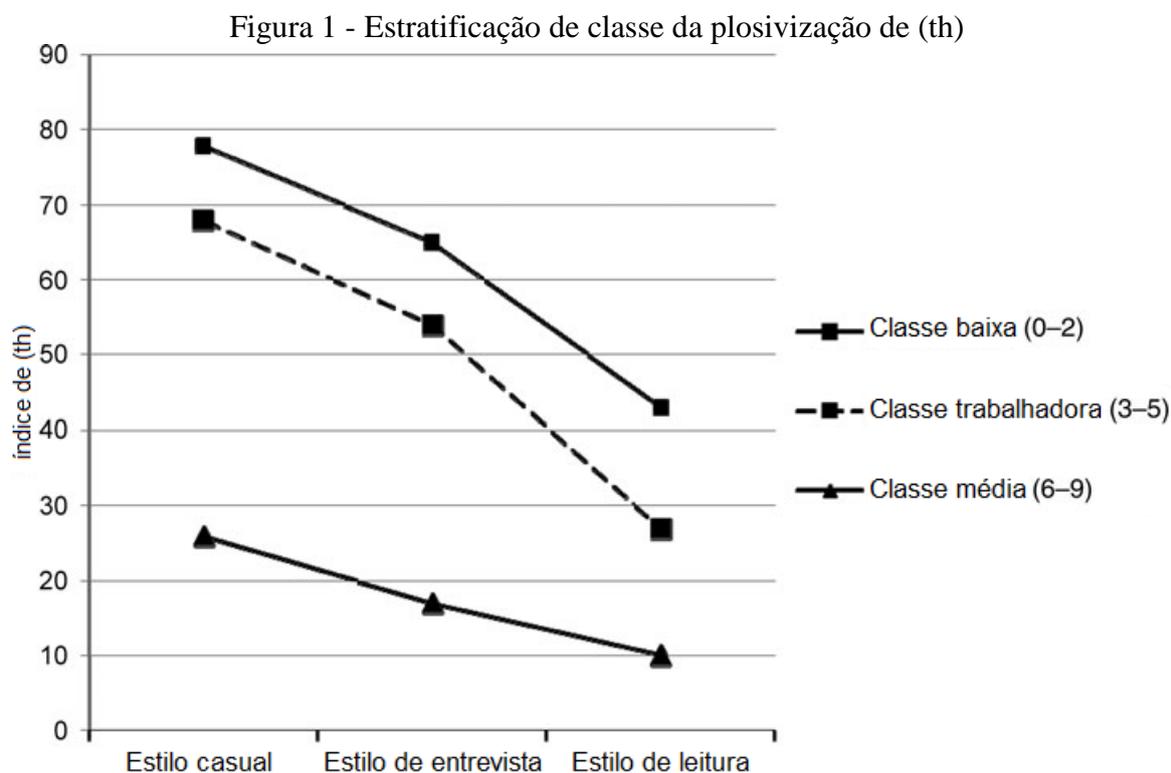
A primeira onda de estudos variacionistas começou com o estudo de Labov (1966) sobre a estratificação social do inglês na cidade de Nova York. Os principais resultados de Labov foram replicados em uma série de estudos urbanos durante o final dos anos 1960 e nos anos 1970, não apenas na América do Norte e Grã-Bretanha (por exemplo, WOLFRAM, 1969; TRUDGILL, 1974; MACAULAY, 1977), mas em outros lugares, como Panamá (CEDERGREN, 1973) e Irã (MODARESSI, 1978). Esses estudos estabeleceram um padrão regular de estratificação socioeconômica das formas linguísticas, com maior diferenciação regional e étnica na extremidade inferior da hierarquia socioeconômica, bem como maior uso de formas não padrão mais difundidas. Essas formas, estigmatizadas no mercado linguístico padrão (BOURDIEU; BOLTANSKI, 1975), diminuem, em termos de frequência, à medida que se sobe na hierarquia de classes.

Utilizando entrevistas gravadas e correlacionando traços de produção de fala, tanto entre quanto intrassujeitos, esse trabalho introduziu um novo empirismo quantitativo na linguística, com fundamentos teóricos de apoio. Embora o estudo de Labov tenha sido baseado em uma amostra representativa da comunidade (o *Lower East Side* de Nova York), estudos subsequentes passaram a se concentrar no preenchimento de células definidas por categorias macrosociológicas. Dessa forma, os falantes surgiram como *tokens* humanos – conjuntos de características demográficas.

A noção de vernáculo era central para a teoria da variação. Labov (1972b) definiu o vernáculo como a produção linguística que foi primeiramente adquirida e é mais automática – portanto maximamente sistemática –, de cada falante. Não afetado pela correção socialmente motivada, o vernáculo emergiu como um objeto natural clássico da investigação científica, inalterado pela reflexividade da agência³ humana. A classe, determinada de acordo com medidas sociológicas padrão, colocava os indivíduos passivamente dentro de uma estrutura que

³ N.T.: Do original: *agency*. Capacidade de agir e fazer suas próprias escolhas.

determinava seu acesso à linguagem padrão e sua exposição à mudança linguística.



Fonte: Labov (1966).

A agência social limitava-se à autocorreção à medida que os indivíduos, suscetíveis ao *status* relativo das variedades de classe, afastavam-se do vernáculo enquanto adotavam formas mais padronizadas em sua fala mais cuidadosa. Como resultado, o padrão socioeconômico maior foi aninhado no repertório estilístico de cada indivíduo, conforme mostra a Figura 1. Essa figura representa a porcentagem de pronúncia de /th/ como [t] (como em *thing* ‘coisa’) em três estilos: fala casual em entrevista, fala formal em entrevista e um trecho de leitura. A primeira onda tratou esse padrão de variação intrassujeito não como envolvendo uma escolha entre formas socialmente significativas, mas como resultado do automonitoramento para suprimir um processo cognitivo natural. O estilo, então, foi concebido puramente como o resultado da variação de atenção prestada à fala.

Uma série de variáveis nesses estudos representavam, sem dúvida, mudanças sonoras em andamento. Em um estudo inicial do dialeto românico de Charmey (Suíça), Louis Gauchat (1905) demonstrou que as diferenças de idade na fala contemporânea refletiam o progresso da mudança histórica. Diferenças de idade semelhantes apareceram nos estudos urbanos, levando

à adoção do princípio uniformitarista (LABOV, 1972b), dando à análise de variação o *status* de um estudo *in vivo* da mudança histórica. Esse princípio dependia do pressuposto de que o sistema linguístico do adulto reflete o estado da língua em algum período crítico de aquisição, tornando a teoria do vernáculo ainda mais central. Assim, enquanto a hierarquia socioeconômica estruturou o uso de formas não padrão aparentemente historicamente estáveis, como a plosivização de /th/, realizações apicais de -ing (por exemplo, *walkin'* 'caminhando') e negação múltipla, ela também emergiu como o caminho de propagação da mudança sonora. E essas mudanças, originadas na extremidade inferior da hierarquia e em virtude de suas origens locais, criam distinções regionais e étnicas, enquanto o padrão, desvinculado do lugar, indexa a posição de classe e seu suposto cosmopolitismo.

A afirmação de Labov de que todo falante tem um vernáculo pessoal divergia da definição mais comum de vernáculo como a fala de comunidades locais. Além disso, é difícil ignorar o fato de que o vernáculo pessoal de cada falante é mais próximo do vernáculo da comunidade do que do padrão. A ligação entre os dois veio à tona mais explicitamente em suas caracterizações (LABOV, 1972c) da fala da classe média como mais autoconsciente e artificial do que a fala da classe trabalhadora, e na proposta de Kroch (1978), que conecta a estratificação socioeconômica da fonologia a uma resistência estratificada aos processos fonológicos naturais.

Os estudos de primeira onda também encontraram estratificação de gênero na variação. O estudo de Wolfram (1969) dos falantes afro-americanos em Detroit, com foco em variáveis específicas do inglês vernacular afro-americano⁴, mostrou que a fala das mulheres é consistentemente mais próxima do padrão do que a dos homens em toda a hierarquia socioeconômica. Estudos britânicos mostraram que a fala das mulheres também é mais próxima do padrão (TRUDGILL, 1974; MACAULAY, 1977). Essas diferenças foram comumente tidas como sinal da maior mobilidade ascendente das mulheres e, portanto, de sua suscetibilidade às pressões do padrão (TRUDGILL, 1972). Essa explicação foi baseada em poucas evidências independentes, mas, ao conectar os padrões das mulheres a uma preocupação com classe, manteve-se a posição de classe como foco central indexical da variação.

A primeira onda viu a mudança linguística como emergindo de pressões dentro do sistema linguístico, afetando primeiro a fala daqueles menos sujeitos à influência da língua padrão e se espalhando por populações cada vez mais resistentes à mudança. Ao mesmo tempo, diversas variáveis que não estão em mudança em progresso são estratificadas como resultado

⁴ N. T.: Do original: *African American Vernacular English* (AAVE).

de coisas como contato dialetal e resistência à padronização. A perspectiva da primeira onda sobre o significado baseava-se na hierarquia socioeconômica: as variáveis eram tomadas para marcar o *status* socioeconômico, e as dinâmicas estilísticas e de gênero eram vistas como resultantes dos efeitos dessas categorias na orientação dos falantes para o seu lugar atribuído nessa hierarquia.

Mas se a era da pesquisa de larga escala revelou padrões sociais regulares de variação, também gerou exceções significativas. Os líderes na mudança sonora e os maiores usuários de variantes vernaculares parecem não ser os que estão no nível mais baixo da hierarquia socioeconômica – aqueles que se poderia supor serem os menos sujeitos às pressões do padrão –, e sim os membros das classes trabalhadora alta e média-baixa (LABOV, 2001). Este grupo é o segmento da sociedade com maior engajamento local, o que sugere que as variantes vernaculares não são simplesmente a forma mais natural de falar, mas possuem algum tipo de valor indexical positivo relacionado à vida local. Além disso, nos Estados Unidos, pelo menos, não são os falantes mais jovens que lideram a mudança sonora, mas os adolescentes (ECKERT, 1997; LABOV, 2001). Isso acrescenta certeza à suposição de que o uso desses recursos não é simplesmente uma questão de exposição e atenção à fala, mas envolve algum tipo de agência social. Essa noção foi ainda apoiada por algumas evidências (SANKOFF, 2006) de que os padrões de variação fonética dos falantes podem continuar a mudar ao longo de sua vida, tornando-se mais conservadores em alguns casos e mais inovadores em outros.

Finalmente, a visão simplista das mulheres como mais conservadoras foi contrariada por estudos nos Estados Unidos que mostravam mulheres liderando mudanças sonoras. E o trabalho posterior de Labov (LABOV, 2001), separando gênero de classe, mostrou um cruzamento de gênero para algumas variáveis: a fala das mulheres de classe média-alta era mais padrão do que a dos homens de classe média-alta, mas a fala das mulheres da classe trabalhadora era menos padrão do que a dos homens da classe trabalhadora. Esses dados sugerem que, se gênero tem um efeito uniforme na variação, ele está no maior uso da variação pelas mulheres para indexar diferenças sociais (ECKERT, 1989b).

Abrangência e replicabilidade, as principais virtudes do método de pesquisa de larga escala, dependem do uso de categorias sociais pré-determinadas e do contato social, bastante breve, com os falantes escolhidos para representar tais categorias. Como resultado, os estudos de primeira onda interpretaram a significação social da variação com base em uma compreensão geral das categorias, que serviram para selecionar e classificar os falantes, e não a partir do conhecimento direto dos próprios falantes e de suas comunidades. A segunda onda de estudos

variacionistas voltou-se para métodos etnográficos para se aproximar da dinâmica local da variação. Esses estudos buscaram categorias locais que pudessem lançar luz sobre a relevância das categorias macrosociológicas para a vida no cenário local, traçando uma relação direta entre a dinâmica social que deu origem a essas categorias e o uso de variáveis linguísticas.

A segunda onda de estudos de variação: a abordagem etnográfica

Uma visão tácita, mas bastante generalizada do início dos estudos de variação propôs que o vernáculo tivesse um valor indexical positivo. Labov e outros autores referiam-se frequentemente ao vernáculo como algo que possui valor local, e Trudgill (1972) atribuiu a difusão de inovações da classe trabalhadora na classe média à identificação dos homens com a masculinidade física da classe trabalhadora. O estudo de Labov (1972a) do inglês vernacular afro-americano em Nova York também interpretou que o uso de traços vernaculares em garotos pré-adolescentes indexa *status* de grupo. Mas a centralidade do vernáculo e do automonitoramento como dispositivos explicativos fundamentais na primeira onda impediu que a agência adquirisse *status* teórico no estudo convencional de variação.

A segunda onda iniciou-se com a atribuição da agência social ao uso de traços vernaculares, bem como de traços padrão, e com um foco no vernáculo enquanto expressão de identidade local ou de classe. Milroy (1980), inspirada pelo trabalho de Gumperz (por exemplo, 1982) introduziu-se na segunda onda com um estudo de variação fonológica em redes sociais de Belfast. Argumentando explicitamente contra a visão passiva apresentada na primeira onda, Milroy procurou as forças positivas no uso vernacular da classe trabalhadora de Belfast. Ela argumentou que redes densas multiplexas, típicas da classe trabalhadora, teriam um forte poder local de reforço da norma, e buscou correlacionar os tipos de redes dos indivíduos com seu uso de variáveis vernaculares. O estudo mostrou tal correlação entre variação e a densidade e multiplexidade das redes sociais femininas da classe trabalhadora e foi seguido por estudos que também apresentaram uma relação entre o uso de variantes locais e o envolvimento em redes locais etnicamente definidas (EDWARDS; KRAKOW, 1985; EDWARDS, 1991; KNACK, 1991).

O estudo de Cheshire (1982) em Reading, Inglaterra, também buscou o valor positivo do vernáculo em um estudo de traços morfossintáticos não padrão na fala de adolescentes da classe trabalhadora que frequentavam dois parques locais. Ela encontrou correlações de algumas variáveis na fala de garotos com participação em uma "cultura vernacular" (p. 97)

antiautoritária, com base em práticas que emergiam como importantes ao grupo: porte de armas, atividades criminais, uso de xingamentos em sua presença, resistência à moda dominante, aspirações de trabalho aprovadas pelos pares e habilidade para luta.

Enquanto isso, estudos em comunidades rurais trouxeram questões locais ao entendimento das relações entre variação e ocupação. Em seu trabalho em uma plantação de açúcar na Guiana, Rickford (1986) encontrou uma divisão importante entre aqueles que trabalhavam diretamente com o açúcar (a *estate class*⁵) e aqueles que trabalhavam nos escritórios (a *non-estate class*⁶). Esses grupos apresentaram diferenças acentuadas em cultura verbal, em ideologia de linguagem e em produção linguística, como evidenciado no uso de variantes do inglês padrão (acroletal) em subcategorias pronominais no singular. O estudo enfatizou que, embora o vernáculo possa ser estigmatizado no nível global, sua associação com valores e práticas locais confere-lhe valor positivo no nível local. Enquanto um amplo estudo englobando comunidades não agrícolas na Guiana pudesse identificar estratificação gradual ao longo das linhas encontradas em estudos urbanos, a experiência local nessa comunidade não envolve tal contínuo, mas está mais em conformidade com um modelo de conflito de classe e de variação linguística.

Holmquist, trabalhando em uma aldeia camponesa nos Pireneus espanhóis (HOLMQUIST, 1985), examinou a relação entre variação e a transição em direção à economia convencional. Aqui, a tradicional criação de animais de montanha, como bodes e ovelhas, estava cedendo lugar à produção leiteira, e, finalmente, jovens estavam abandonando completamente a agricultura para trabalhar em uma fábrica localizada nas proximidades. A integração dos indivíduos à economia nacional, baseada em seu lugar nessas três etapas da mudança econômica, correlacionou-se com a mudança sonora que aproximou o dialeto local ao castelhano: o abaixamento de [u] postônico (os finais masculinos de substantivos e adjetivos) a [o]. Assim como Gal (1979) havia encontrado em seu estudo sobre troca de língua na Áustria, Holmquist identificou que as mulheres agrícolas lideravam os homens na mudança – um padrão que indubitavelmente se deve ao fato de que, em ambas as comunidades, a vida agrícola é particularmente não atraente a mulheres. O outro lado dessa descoberta, certamente, é que

⁵ N.T.: Nomenclatura criada por Rickford (1986) para designar a classe inteiramente composta por quem trabalhava diretamente nas plantações de açúcar, como cortadores de cana, por exemplo.

⁶ N.T.: Nomenclatura criada por Rickford (1986) para designar pessoas com pouca ou nenhuma ligação direta com as plantações de cana, como motoristas, lojistas etc.

homens, que possuem uma participação maior na economia camponesa, lideram a resistência à assimilação à norma nacional.

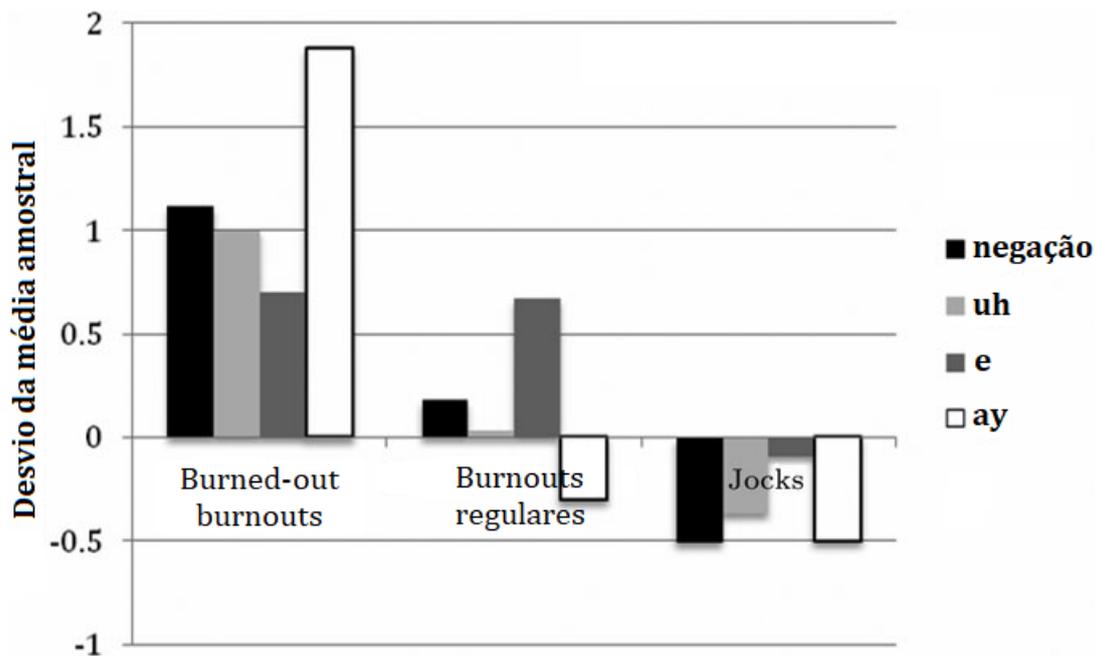
O aparente fato de que adolescentes lideram na mudança sonora e no uso do vernáculo levantou a questão do papel da classe na variação dos adolescentes. Isso levou Eckert (1989a, 2000) a conduzir um estudo etnográfico de adolescentes em escolas de ensino médio da área suburbana e predominantemente branca de Detroit. A ordem social estudantil nessas escolas envolvia duas categorias sociais mutuamente opostas, *jocks* e *burnouts*, que constituíam as culturas das classes média e trabalhadora, respectivamente. Os *jocks* que pretendiam ingressar na universidade baseavam suas redes, identidades e vidas sociais na esfera extracurricular da escola, formando uma hierarquia rígida e competitiva, e mantendo relações cooperativas, e mesmo escolares, com professores e administradores. Os *burnouts*, por outro lado, quase todos seguindo um currículo profissionalizante, rejeitavam a instituição como *locus* para a vida social e identidade, e baseavam suas redes, identidades e vidas sociais em sua vizinhança e nas conurbações mais amplas. Os *jocks* provinham predominantemente da metade superior da hierarquia socioeconômica local, ao passo que os *burnouts* provinham predominantemente da metade inferior. Contudo, havia cruzamento suficiente para permitir a comparação entre a classe dos pais e a afiliação de categoria baseada em classe dos adolescentes como restrições na variação. Uma incompatibilidade entre os dois sugeriria que padrões de variação não são definidos na infância, mas continuam a se desenvolver juntamente com a identidade social.

As categorias *jock* e *burnout*, por sua vez, localizavam-se na geografia sociolinguística contínua da conurbação mais ampla, e a construção da polarização é um excelente exemplo das práticas semióticas de distinção determinadas por Gal & Irving (2000): recursividade, apagamento e iconização. O *status* socioeconômico aumenta, e o uso de variáveis linguísticas urbanas diminui, distanciando-se de Detroit. Toda escola pública suburbana possui *jocks* e *burnouts*, incorporando o padrão urbano-suburbano em cada escola em um processo que Gal & Irvine chamam de "recursividade fractal". Isso aparece no uso da língua, já que os *burnouts*, em cada escola, lideram de forma esmagadora no uso de negação não padrão e no avanço das três mudanças sonoras que se deslocam para além dos limites urbanos da conurbação. E embora exista certa correlação entre o uso de concordância negativa e nível de educação da mãe, bem como categoria social, as mudanças sonoras correlacionam-se com pertencimento a uma categoria social ao invés de pertencimento à classe de qualquer um dos pais (ou de ambos), o que aponta, de forma clara, que padrões de variação não são estabelecidos na infância, mas servem como recursos para a construção de identidade mais tarde na vida. Essa descoberta

indica que correlações de classe mais amplas não são simplesmente consequência de educação, ocupação e renda, mas, ao invés disso, refletem dinâmicas locais enraizadas em práticas e ideologias que moldam e, por seu turno, são moldadas por classe.

A variação também se revelou parte de um complexo estilístico mais amplo incluindo território e a gama completa de consumo – como adornos, comida e uso de outras substâncias, gostos musicais – que os *jocks* e os *burnouts* exploram ao construir sua oposição mútua. Jaquetas de Detroit *versus* jaquetas universitárias, calças boca de sino (à época) *versus* calças retas (ECKERT, 1980) e cores escuras *versus* tons pastéis, dentre outros – todos indexam, explicitamente, orientação urbana *versus* orientação escolar. Os *burnouts* das escolas mais suburbanas admiram os *burnouts* urbanos por sua autonomia, dureza e esperteza; os *jocks* da periferia urbana invejam os *jocks* suburbanos por sua maior riqueza, sofisticação e por suas habilidades institucionais. E a repetida combinação dos complexos estilísticos com indivíduos socialmente localizados e suas atividades e movimentos sociais estabelece o que parece ser uma conexão natural, conduzindo à iconização. Um dos estudantes referiu-se a uma escola predominantemente de classe trabalhadora na mesma cidade como contendo calças de barras largas, fazendo a conexão icônica entre *burnouts* e bocas de sino.

Figura 2 - Uso de variantes vernaculares pela subcategoria das garotas



Fonte: Eckert (2000).

Finalmente, o apagamento das diferenças graduais ao longo da conurbação resulta em uma oposição urbano-suburbano, particularmente para os *burnouts* que contrastam os subúrbios entediados com a agitação de Detroit. No entanto, para os *burnouts*, Detroit começa não nos limites da cidade, mas nos subúrbios brancos mais pobres e pesados da periferia. Enquanto isso, localmente, as categorias polarizadas de *jock* e *burnout* também são esculpidas em um contínuo social. Apenas cerca de metade das crianças em qualquer escola se identifica como *jocks* ou *burnouts*, enquanto os demais referem-se a si mesmos como "intermediários"⁷, posicionando-se em um contínuo entre as categorias que se encontram nos polos. Quando a prática urbana de *cruising*⁸ é introduzida em um modelo de regressão que inclui *jocks*, *burnouts* e intermediários, a categoria social permanece estatisticamente significativa, mas é superada pelo movimento de *cruising*, com os *cruisers* empregando mais variantes urbanas. Também são apagadas diferenças dentro de cada categoria. Há dois grupos de garotas *burnouts*: as *burnouts* regulares e um grupo menor que se orgulha de ser o das "super" *burnouts* em razão de sua selvageria, rebeldia e consumo de drogas. Outros *burnouts* se referem a elas como *burned-out burnouts*, e estas se referem aos outros *burnouts* como *jocks*. Como mostra a Figura 2, as garotas *burned-out burnouts* lideram todos os outros (incluindo os garotos) no uso de variantes vernaculares. Esses fatos sozinhos deixam claro que variáveis linguísticas não indexam categorias, mas características, o que oferece uma base teórica e um enfoque metodológico inteiramente novos para o estudo da variação na terceira onda.

A terceira onda de estudos de variação: a perspectiva estilística

Os estudos etnográficos da segunda onda forneceram uma perspectiva local nas descobertas dos estudos em larga escala da primeira onda, estabelecendo a ligação entre as categorias macrossociológicas e as categorias e configurações locais mais concretas que lhes dão sentido. Entretanto, assim como estudos na primeira onda, estudos de segunda onda focavam em categorias aparentemente estáticas dos falantes e equiparavam identidade com afiliação a categorias. Mas a etnografia trouxe a prática estilística à vista, mesmo quando esses estudos não lidavam explicitamente com a natureza das relações indexicais entre variáveis e

⁷ N.T.: Do original: *in-betweens*.

⁸ N.T.: Prática de passear de carro por diferentes áreas da cidade sem destino definido, por puro prazer.

categorias sociais. Assim, o movimento principal na terceira onda foi de uma visão de variação enquanto reflexo de identidades e categorias sociais para a prática linguística na qual os falantes posicionam-se na paisagem social por meio da prática estilística (BUCHOLTZ; HALL, 2005; BUCHOLTZ, 2010; IRVINE, 2001).

Enquanto as duas primeiras ondas entendiam o significado da variação como consequência incidental do espaço social, a terceira onda entende-o como um traço essencial da língua. A variação constitui um sistema semiótico social capaz de expressar a gama completa de preocupações sociais de uma comunidade. Ainda, uma vez que essas preocupações mudam continuamente, variáveis não podem ser marcadores consensuais de significados fixos; pelo contrário, sua propriedade principal deve ser a mutabilidade indexical. Essa mutabilidade é alcançada na prática estilística, em que os falantes fazem movimentos sócio-semióticos, reinterpretando variáveis e as combinando e recombinao em um processo contínuo de bricolagem⁹ (HEBDIGE, 1984).

A ordem indexical (SILVERSTEIN, 2003) é essencial para a mutabilidade dos signos indexicais. Em estágio inicial, um grupo pode tornar-se saliente, e um traço distinto da fala daquele grupo pode chamar a atenção. Uma vez reconhecido, esse traço pode ser extraído de seu ambiente linguístico e passar, por si próprio, a indexar pertencimento àquele grupo. O traço pode então ser mobilizado para provocar movimentos ideológicos em relação àquele grupo, evocando formas de pertencimento, características ou posturas¹⁰ associadas ao grupo. Tal índice pode ser usado por indivíduos que não pertencem ao grupo para evocar estereótipos a ele associados. Pode ser utilizado para depreciar, como piadas feitas por anglo-americanos sobre espanhóis (HILL, 1993), e o emprego discriminatório da palavra *tongzhi*, termo autorreferenciado preferido da comunidade gay, por jornalistas de Hong Kong (WONG, 2005). Pode ainda ser utilizado para reivindicar qualidades admiradas, como traços do inglês vernacular afro-americano por garotos brancos norte-americanos para indexar masculinidade (BUCHOLTZ, 1999; CUTLER, 1999). O índice pode ser usado por membros de qualquer grupo para fazer distinções internas, como ocorreu no caso do inglês dos pescadores de Martha's Vineyard. Atos indexicais deste tipo, quando repetidos, convencionalizam o novo signo, e então tornam-se disponíveis para novos movimentos indexicais. Não se trata de um evento ocasional, mas de um processo contínuo no qual traços linguísticos de todos os tipos estão continuamente

⁹ N.T.: Do original: *bricolage* (HEBDIGE, 1984). Elementos podem combinar-se e formar novos significados, modificando também significados anteriores.

¹⁰ N. T.: Do original: *stances*.

permeados por uma variedade de significados. Em decorrência disso, a ordem indexical não é linear, mas pode progredir simultaneamente e através do tempo em múltiplas direções, gerando um conjunto de significados relacionados. Esses significados, em determinado momento, constituem um campo indexical (ECKERT, 2008) – uma constelação de significados ideologicamente relacionados, que podem ser invocados no contexto.

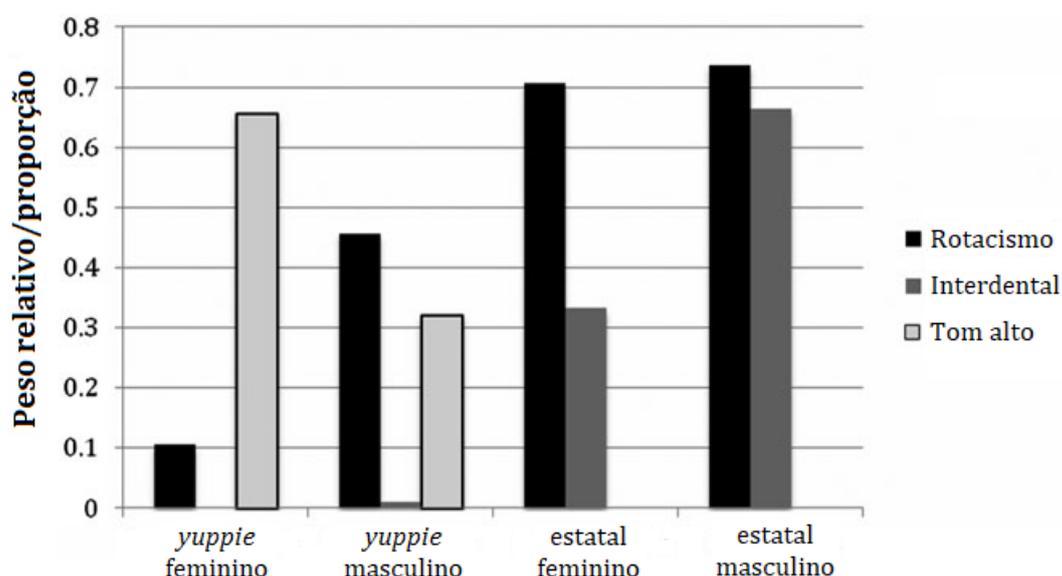
Zhang (2005, 2008) investigou a apropriação indexical de variáveis individuais do mandarim no contexto do surgimento de uma elite próspera em Beijing. A entrada da China na economia global fez emergir uma nova classe de *yuppies*, homens jovens trabalhadores do setor financeiro privado¹¹. O valor dos *yuppies* no mercado financeiro global é determinado pela projeção de um ‘eu’ cosmopolita, e eles desenvolveram um modo de falar para se adequar a um estilo de vida mais consumista e cosmopolita – um estilo que contrasta severamente com aquele de seus pares nas instituições financeiras públicas. O recurso linguístico de maior destaque nesse contexto é o emprego do tom alto, um traço do mandarim falado fora do território continental, associado de modo mais particular aos mercados globais de Hong Kong e Taiwan. Totalmente desconhecido em Beijing e sem ocorrer na fala de gerentes de empresas públicas, esse tom enaltece a fala *yuppie* na esfera transnacional. Os *yuppies* também fazem pouco uso de certas variáveis de Beijing, que indexam tipos locais que não se integram bem com a imagem cosmopolita. Uma dessas variáveis, o rotacismo de segmentos finais (no qual “flor” [hwa] é pronunciada [hwaɪ]), é provavelmente a variável mais bem conhecida da fala de Beijing e é popularmente reconhecida por atribuir a este falar uma característica “escorregadia” distintiva ou um “tom oleoso¹²” (ZHANG, 2008, p. 201). O rotacismo pode ser verificado ortograficamente, e Zhang (2008) identifica o emprego deste traço na literatura do século XX para retratar a fala de uma *persona* masculina urbana prototípica de Beijing, o “*smooth operator*¹³”, ou mediador de esquemas comerciais. Enquanto gerentes públicos evidenciam considerável grau de rotacismo, os *yuppies*, particularmente as mulheres, demonstram uso restrito desta variável.

¹¹ N.T.: Do original: *foreign-owned* (de propriedade estrangeira), em contraste às empresas públicas (*state-owned*).

¹² N.T.: Do original: *slippery* e *oily tone*, respectivamente. Estes adjetivos fazem referência a indivíduos que expressam algum grau de simpatia e agradabilidade, mas cuja intenção é enganar as pessoas para benefício próprio.

¹³ N.T.: *Smooth operator* refere-se a alguém esperto ou malandro (no sentido pejorativo), que tira vantagem em proveito próprio; um indivíduo “descolado”, confiante, que pode ter a intenção de enganar as pessoas.

Figura 3 - Emprego de variáveis de Beijing e de fora do território continental por gerentes de empresas do setor financeiro privado e público (pesos relativos para rotacismo e interdental, proporções para tom alto)



Fonte: Zhang (2008)

Outro traço de Beijing, a pronúncia interdental de /z/, é comumente associada à falta de caráter, irresponsabilidade, ao “andarilho dos becos”, indivíduo que vagueia pelos *hutongs*¹⁴ de Beijing. Os *yuppies* evitam o uso dessa variável, já que falta de caráter e irresponsabilidade não são características desejáveis ao empresário transnacional. (Um dos *yuppies* do estudo de Zhang fez esse comentário explicitamente.) O andarilho dos becos é estereotipicamente masculino, e as mulheres gerentes de empresas públicas utilizam essa variável consideravelmente menos do que seus colegas homens. Como mostra a Figura 3, ao combinar esses recursos (e sem dúvida, outros), os *yuppies* criaram um estilo que contrasta com aquele dos empresários do Estado. Zhang afirma que o maior emprego do tom alto por mulheres *yuppies* e a evitação do rotacismo produzem um som *stacatto*¹⁵, que combina com a imagem objetiva e decidida das mulheres no mercado cosmopolita de gênero, contrastando com o já iconizado tom suave de Beijing. Por meio dessa prática estilística, os *yuppies* criaram não somente a sua imagem como cosmopolita,

¹⁴ N.T.: *Hutongs* são ruelas ou becos sem saída em áreas residenciais tradicionais na China, especialmente em Beijing.

¹⁵ N.T.: O *stacatto* refere-se à nota musical que é tocada de modo “seco”, sem alongamento e sem se misturar com o som das demais notas.

mas também a dos gerentes estatais como representativa do indivíduo local. E ao fazer isso, eles alteraram a paisagem social e linguística de Beijing.

Os *jocks* e os *burnouts*, e os *yuppies* e os gerentes de empresas públicas, não nasceram com estilos distintos entre si, mas os desenvolveram no curso da diferenciação social na escola e no ambiente de trabalho. Esse tipo de mudança pode ocorrer em um relativo curto espaço de tempo. Em um estudo etnográfico sobre meninas cursando o ensino médio em Bolton, no Reino Unido, Moore (2004) testemunhou uma diferenciação na fala de garotas que formavam um grupo rebelde, as “populares”. Ao longo de um ano, diversas populares deixaram seu grupo para se engajar em um estilo de vida mais intensamente selvagem, as “*townies*”. Nesse processo, elas passaram a fazer maior uso da fala não padrão, evidenciada pelo emprego da primeira e terceira pessoa *were* (por exemplo, “*I were drunk*” ‘Eu estava bêbada’)¹⁶. Enquanto os usos dessas formas pelas populares permaneciam essencialmente os mesmos, o emprego das formas não padrão pelas *townies* saltou de 25% para 48%. Essa cisão social causou – e, pode-se dizer, foi causada por – o crescente uso da fala não padrão pelas *townies*.

Todos esses estudos destacam a relação entre o uso linguístico e os tipos de estratégias sociais que levam à inscrição de novas categorias e significados sociais. A questão sobre como a produção de significados desvela-se na interação conduz naturalmente às estratégias de tomada de postura, nas quais termos de diferenciação entre grupos são trazidos à tona. Em um estudo etnográfico de uma fraternidade¹⁷, Kiesling (1998) demonstrou que o uso de variantes apicais de *-ing* por membros da fraternidade evoca poder ao indexicalizar modelos culturais da classe operária e posturas de confronto. Ele argumenta, de modo mais geral (2001, 2005, 2009), que os estilos individuais, grupais ou relacionados a categorias emergem da tomada de posturas repetidamente, as quais Dubois (2002) and Rauniomaa (2003) referem como acúmulo de posturas¹⁸. Esse mecanismo foi adotado por Bucholtz e Hall (2005), em seu estudo sobre

¹⁶ N.T.: No inglês padrão, a primeira e a terceira pessoa do singular do verbo ‘ser, estar’ no pretérito são conjugadas com a forma *was; were* é utilizada para as demais pessoas do discurso.

¹⁷ N. T.: Um grupo de universitários do sexo masculino que formam uma sociedade, compartilhando interesses comuns.

¹⁸ N.T.: Do original: *stance accretion*. *Accretion* significa “crescimento ou aumento pelo acúmulo gradual de camadas ou matéria adicionais”.

práticas identitárias, e por Moore e Podesva (2009), em seu estudo sobre o uso estratégico de *tag questions*¹⁹ por populares e *townies* (e outros grupos) discutidos anteriormente.

Pode-se afirmar que todos os casos de variação apresentados envolvem registro²⁰. No caso dos *yuppies* de Beijing, o emprego do tom alto pode ser visto como uso trópico²¹ (AGHA, 2005) de um elemento de uma variedade registrada, o mandarim de Hong Kong ou Taiwan, reinscrito como parte de um novo registro do *yuppie* de Beijing. Registros são uma fonte importante de recursos estilísticos e também um produto final potencial de bricolagem.

O trabalho de Johnstone sobre o pitsburguês²² situou a variação no escopo de uma visão mais ampla de registro (AGHA, 2003, 2007) – perspectiva que estivera ausente nos estudos de variação, apesar do fato de que esse campo de investigação foi construído a partir do novo iorquês, um exemplo perfeito de registro. O que é particularmente interessante sobre o caso de Pitsburgo é que ele está ocorrendo bem diante de nossos olhos, ao passo que o caso de Nova Iorque tem sido registrado em nível nacional, até internacional, por algum tempo. Johnstone e colegas (por exemplo, JOHNSTONE et al. 2006; JOHNSTONE; KIESLING, 2008; JOHNSTONE, 2011) enfatizaram que o registro dependia da emergência de Pitsburgo como um local que fosse lembrado – tanto como destino quanto lugar de origem. As variáveis que os sujeitos locais reconhecem como aquelas que indexam a classe operária polonesa passaram a indexar Pitsburgo em sua totalidade, tanto para as pessoas que deixam quanto aquelas que chegam à cidade. A distância foi necessária para o pitsburguês ser extraído de seu contexto local e associado a uma visão própria de Pitsburgo. Johnstone (2011) enfatiza que diferenças em repertórios interpretativos desempenham um papel importante na mutabilidade do valor indexical das variáveis. Este registro é parte de um projeto maior de registros nas cidades do *rust belt*²³, todas conhecidas pela força de trabalho da Europa oriental. Ao examinar a mercantilização do pitsburguês em camisetas, Johnstone (2009) destaca

¹⁹ N.T.: As *tag questions* são perguntas curtas feitas ao final de frases declarativas e negativas em inglês com o intuito de confirmar, refutar ou esclarecer algo. São equivalentes à expressão “né?” ou “não é?” em português.

²⁰ N.T.: Do original: *enregisterment* (SILVERSTEIN, 2003). Quando uma forma linguística é registrada, ela automaticamente indexa um modelo cultural. O termo refere-se ao processo de registro da forma.

²¹ N.T.: Do original: *tropic use*.

²² N.T.: Variedade de inglês falada em Pitsburgo, segunda cidade mais populosa do estado da Pensilvânia, nos Estados Unidos.

²³ N.T.: Parte dos Estados Unidos caracterizada pelo declínio industrial e decréscimo populacional, especialmente no meio-oeste e estados do nordeste.

as conexões entre língua e instituições locais, tal qual a do time de futebol americano, cujo nome, Steelers²⁴, evoca o distinto e árduo passado industrial de Pittsburgh, e sua pronúncia local (Stillers) o situa do ponto de vista linguístico. Uma associação semelhante é retratada nos esquetes do conhecido *Saturday Night Live*²⁵, nos quais um bando de garotos com nomes poloneses e sotaques exagerados de Chicago bebem cerveja, comem salsicha polonesa e falam sobre o time de futebol de Chicago, “*da Bearss*”. Desse modo, o pittsburghês é situado não apenas em respeito a sua própria história, mas também no âmbito de uma cultura regional mais abrangente.

O foco no estilo vai além das variáveis regionais evidentemente não padrão que têm sido o ganha-pão das duas primeiras ondas. Estudos da terceira onda geralmente começam com estilos, buscando descobrir o que os torna distintos, em uma tentativa de detalhar os tipos de recursos e significados que dão à língua a sua vida social. Esse processo levou ao reconhecimento de que o simbolismo sonoro e a iconização atuam na variação. A aspiração do /t/ intervocálico é um recurso estilístico versátil que desempenha um papel nos estilos registrados, que variam desde garotas *geek* (BUCHOLTZ, 1996) até judeus ortodoxos (BENOR, 2001) e homens gays (PODESVA et al., 2002; PODESVA, 2004, 2007). Todos os três casos parecem explorar o valor indexical associado à hiperarticulação, que sem dúvida é mediada por fontes registradas bastante distintas, como o inglês britânico, o ídiche e a fala de professores escolares. Podesva (2004) examina o uso desta variável na fala de um estudante de medicina, Heath, desde o trabalho em uma clínica, onde ele adota uma *persona* competente e instruída, até um churrasco com amigos, onde adota uma *persona* “diva” descontraída (PODESVA, 2007, p. 4). Heath emprega significativamente mais exemplares de soltura de /t/ na clínica do que no churrasco, mas os /t/s que ele produz no churrasco possuem plosões com aspirações significativamente mais longas. Podesva argumenta que a plosão exagerada é uma imitação do estilo do professor escolar, invocando uma espécie de hiperarticulação ou presunção espalhafatosa similar à *persona* diva. Este é certamente um uso trópico de um traço bem registrado do estilo de professor escolar. Ao mesmo tempo, sua força deve-se à participação em um sistema fonológico mais amplo, cuja forma assume potencial para indexar

²⁴ N.T.: *Steel*, em português, significa “aço”. Steelers faz referências aos operários que trabalhavam com aço.

²⁵ N.T.: Programa de TV norte-americano da emissora NBC.

por meio da iconização. Descobertas recentes sobre o papel do simbolismo sonoro na variação abriram uma nova gama de possibilidades para nossa compreensão do significado social.

Como hiperarticulação, a soltura do /t/ pode indexar cuidado, precisão e padronização e, portanto, polidez, atenção a detalhes ou educação. Como fortalecimento, pode indexar ênfase ou força e, portanto, foco, poder e até mesmo raiva. Uma realização fraca e hipoarticulada pode indexar o contrário. Nesse sentido, os significados da soltura de /t/ constituem um campo indexical que é baseado em potencial de iconicidade (ECKERT, 2008). Passando pelo contínuo de lenição até o apagamento de /t/, pode-se encontrar um campo indexical baseado em uma imagem espelhada. O valor indexical é agregado não apenas a variáveis individuais, mas também a processos fonológicos. A variação entre as realizações velar e apical de (ING) (“*walking*” versus “*walkin*” (“caminhando”)), baseada na justaposição de formas historicamente distintas, é percebida pelos falantes como similarmente icônica, evidenciada na caracterização popular da variante apical como “abandonar seus g’s”, relacionando-a a um campo indexical mais geral similar àquele de /t/. Campbell-Kibler (2007) demonstrou que os ouvintes associam a variante velar de *-ing* (“*walking*”) com educação, inteligência, formalidade e boa articulação, e a variante apical (“*walkin*”) com a falta dessas qualidades. Eles também associam nortistas e sulistas ao maior e ao menor uso da velar, respectivamente, e às qualidades que estas variáveis indexam (PRESTON, 1989). Os ouvintes no estudo experimental de Campbell-Kibler basearam a interpretação das ocorrências dessas variantes em suas crenças sobre a origem dos falantes, julgando o uso da velar pelos sulistas como pretensioso, e o uso da apical pelos nortistas como uma tentativa de ser despretenso²⁶. O potencial indexical dessa variável parece envolver um esquema de relações tanto para o processo fonológico quanto para o registro. Certamente, poderia-se dizer que o enfraquecimento e o fortalecimento, de modo mais geral, são componentes de registros, mas neste ponto, eu argumentaria que a noção de registramento perde sua força analítica. É na prática estilística contínua que os detalhes sonoros assumem significado suficiente para participar em processos de registramento.

As nuances que Podesva (2004) encontrou na soltura de /t/ possuem uma qualidade distintamente icônica, no nível dos potenciais indexicais licenciados pela hiperarticulação e

²⁶ N.T.: Do original: *folksy*. O termo pode ser utilizado para caracterizar quem é simples, despretenso, informal. Também pode ser empregado para qualificar pessoas como típicas da vida rural.

pelo fortalecimento, e no potencial intensificador dos exageros fonéticos (por exemplo, plosões alongadas). Esta ideia de um dispositivo semiótico geral surgiu no estudo de Mendoza-Denton (1996) sobre a gangue de garotas maquiadas chicanas²⁷, já que o comprimento do delineador usado por uma garota indexa a sua vontade para lutar. A iconização aparece em outros casos de variação, notadamente em cenários afetivos. Em um estudo com pré-adolescentes, Eckert (2011) verificou o código de frequência²⁸ (OHALA, 1994) em funcionamento, já que a anteriorização e a posteriorização das vogais baixas correlacionavam-se com a expressão de estados emocionais positivos e negativos, respectivamente. A iconização é particularmente útil em recursos para exibições afetivas, porque o efeito de ambos depende da percepção de naturalidade. Mas o afeto, também, está na raiz do social e emerge comumente na prática estilística. O afeto é central para a identidade e estilos *jock* e *burnout*: *jocks* têm orgulho de seu comportamento alegre, enquanto os *burnouts* consideram falsos os sorrisos vivazes dos *jocks*, e enxergam os problemas como uma parte integral de quem eles são individual e coletivamente. As associações sinestésicas das vogais claras (anteriores) e escuras (posteriores) convergem em estilo sartorial: os *jocks* vestem cores pastéis tanto em roupas quanto em maquiagem, e os *burnouts* usam roupas escuras e delineadores pretos. A variação linguística, em outras palavras, é componente de um amplo espectro de um sistema semiótico ainda mais abrangente.

Conclusão

No movimento da primeira para a terceira onda dos estudos variacionistas, a visão completa da relação entre língua e sociedade foi invertida. A ênfase na prática estilística da terceira onda situa os falantes não como portadores passivos e estáveis de um dialeto, mas como agentes estilísticos, costurando estilos linguísticos em projetos, em desenvolvimento e de longa duração, de autoconstrução e diferenciação. Tornou-se claro que os padrões de variação não se revelam simplesmente pela posição estrutural do falante em um sistema de produção, mas são parte da produção ativa – estilística – da diferenciação social.

²⁷ N.T.: Chicano é um termo utilizado para se referir à população estadunidense com ascendência mexicana, também conhecida como Mexican American, e carrega uma identidade política de valorização da cultura e da etnia de origem.

²⁸ N. T.: Do original: *frequency code* (OHALA, 1994). Trata-se de uma teoria sobre o uso da voz em interações.

Por anos, o estudo da variação foi dominado pela definição de estilo como “diferentes formas de dizer a mesma coisa” (LABOV, 1972b, p. 323). Essa definição foi compatível com o foco dos linguistas no sentido denotacional, com uma visão de variação como marcador social e com uma visão popular de estilo como um artifício. Mas o estilo é, em sua origem, ideológico, e a forma estilística das proposições é, em grande proporção, uma parte de seu significado. A terceira onda situa a ideologia na própria língua, na construção do significado, com consequências potencialmente importantes para a teoria linguística de modo geral.

DECLARAÇÃO DE INFORMAÇÕES

A autora desconhece qualquer afiliação, sociedade, financiamento ou participação financeira que possa afetar a objetividade deste manuscrito.

LITERATURA CITADA

AGHA, A. The social life of a cultural value. *Language & Communication*, n. 23, p. 231-273, 2003.

AGHA, A. Voice, footing, enregisterment. *Journal of Linguistic Anthropology*, n. 15, p. 38-59, 2005.

AGHA, A. *Language and Social Relations*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2007.

BENOR, S. Sounding learned: the gendered use of /t/ in Orthodox Jewish English. In: JOHNSON; SANCHEZ (eds.). *University of Pennsylvania Working Paper in Linguistics: Selected Papers from NAW 29*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 2001. p. 1-16.

BOURDIEU, P.; BOLTANSKI, L. Le fétichisme de la langue. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* n. 1, p. 2-32, 1975.

BUCHOLTZ, M. Geek the girl: language, femininity and female nerds. In: WARNER, N.; AHLERS, J.; BILMES, L.; OLIVER, M.; WERTHEIM, S.; CHEN, M. (eds.). *Gender and Belief Systems*. Berkeley, CA: Berkeley Women and Language Group, 1996. p. 119-131.

BUCHOLTZ, M. You da man: narrating the racial other in the production of white masculinity. *Journal of Sociolinguistics*, n. 3, p. 443-460, 1999.

BUCHOLTZ, M. *White Kids: Language and White Youth Identities*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2010.

BUCHOLTZ, M.; HALL, K. Identity and interaction: a sociocultural linguistic approach. *Discourse Studies* n. 7, p. 585-614, 2005.

CAMPBELL-KIBLER, K. Accent, (ING) and the social logic of listener perceptions. *American Speech*, n. 82, p. 32-64, 2007.

CEDERGREN, H. *The interplay of social and linguistic factors in Panama*. Tese de Doutorado. Cornell University, Department of Linguistics, 1973.

CHESHIRE, J. *Variation in an English Dialect*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1982.

CUTLER, C. A. Yorkville crossing: White teens, hip hop and African American English. *Journal of Sociolinguistics*. n. 3, p. 428-441, 1999.

DUBOIS, J. W. Stance and consequence. In: ANNUAL MEETING OF THE AMERICAN ANTHROPOLOGICAL ASSOCIATION 101, 2002, New Orleans.

ECKERT, P. Clothing and geography in a suburban high school. In: KOTTAK, C. P. (ed.). *Researching American Culture*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1980. p. 139-144.

ECKERT, P. *Jocks and Burnouts: Social Categories and Identity in the High School*. New York: Teachers College Press, 1989a.

ECKERT, P. The whole woman: sex and gender differences in variation. *Language Variation and Change*, n. 1, p. 245-267, 1989b.

ECKERT, P. Age as a sociolinguistic variable. In: COULMAS, F. (ed.). *Handbook of Sociolinguistics*. Oxford: Basil Blackwell, 1997. p. 151-167.

ECKERT, P. *Linguistic Variation as Social Practice*. Oxford: Blackwell, 2000.

ECKERT, P. Variation and the indexical field. *Journal of Sociolinguistics* n. 12, p. 453-476, 2008.

ECKERT, P. Where does the social stop? In: GREGERSON, F.; PARROT, J. K.; QUIST, P. (eds.). *Language Variation – European Perspectives III*. Selected Papers from International Conference of Language Variation in Europe (ICLaVE 5). Amsterdam: John Benjamins, 2011. p. 13-29.

EDWARDS, W.; KRAKOW, C. Polish-American English in Hamtramck: a sociolinguistic study. In: NEW WAYS OF ANALYZING VARIATION IN ENGLISH. 1985, Georgetown University, Washington, DC.

EDWARDS, W. F. Sociolinguistic behavior in a Detroit inner-city black neighborhood. *Language in Society* n. 21, p. 93-115, 1991.

GAL, S. *Language Shift: Social Determinants of Linguistic Change in Bilingual Austria*. New York: Academic Press, 1979.

- GAL, S.; IRVINE, J. Language ideology and linguistic differentiation. *In: KROSKRITY, P. V. (ed.). Regimes of Language*. Santa Fe, NM: School for Advanced Research Press, 2000. p. 35-83.
- GAUCHAT, L. L'Unité phonétique dans le patois d'une commune. *Aus Romanischen Sprachen und Literaturen: Festschrift Heinrich Morf*. Halle: M Niemeyer, p. 175-232, 1905.
- GUMPERZ, J. *Discourse Strategies*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1982.
- HEBDIGE, D. *Subculture: The Meaning of Style*. New York: Methuen, 1984.
- HILL, J. H. Hasta la vista, baby: Anglo Spanish in the American Southwest. *Critique of Anthropology* n. 13, p. 145-176, 1993.
- HOLMQUIST, J. Social correlates of a linguistic variable: a study in a Spanish village. *Language in Society*, n. 14, p. 191-203, 1985.
- IRVINE, J. Style as distinctiveness: the culture and ideology of linguistic differentiation. *In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. (eds.). Stylistic Variation in Language*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2001. p. 21-43.
- JOHNSTONE, B. Pittsburghese shirts: commodification and the enregisterment of an urban dialect. *American Speech*, n. 84, p. 157-175, 2009.
- JOHNSTONE, B. Dialect enregisterment in performance. *Journal of Sociolinguistics* n. 15, p. 657-679, 2011.
- JOHNSTONE, B.; ANDRUS, J.; DANIELSON, A. E. Mobility, indexicality, and the enregisterment of "Pittsburghese." *Journal of English Linguistics* n. 34, p. 77-104, 2006.
- JOHNSTONE, B.; KIESLING, S. F. Indexicality and experience: exploring the meanings of /aw/- monophthongization in Pittsburgh. *Journal of Sociolinguistics* n. 12, p. 5-33, 2008.
- KIESLING, S. Men's identities and sociolinguistic variation: the case of fraternity men. *Journal of Sociolinguistics* n. 2, p. 69-100, 1998.
- KIESLING, S. Stances of Whiteness and hegemony in fraternity men's discourse. *Journal of Linguistic Anthropology* n. 11, p. 101-15, 2001.
- KIESLING, S. Variation, stance and style. *English World-Wide*. n. 26, p. 1-42, 2005.
- KIESLING, S. Style as stance: Can stance be the primary explanation for patterns of sociolinguistic variation? *In: JAFFE, A. (ed.). Sociolinguistic Perspectives on Stance*. Oxford: Oxford University Press, 2009. p. 177-194.
- KNACK, R. Ethnic boundaries in linguistic variation. *In: ECKERT, P. (ed.). New Ways of Analyzing Sound Change*. New York: Acad. Press, 1991. p. 252-272.

KROCK, A. S. Toward a theory of social dialect variation. *Language in Society* n. 7, p. 17-36, 1978.

LABOV, W. The social motivation of a sound change. *Word*. n. 18, p. 1-42. 1963.

LABOV, W. *The Social Stratification of English in New York City*. Washington, DC: Center for Applied Linguistics, 1966.

LABOV, W. *Language in the Inner City*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972a.

LABOV, W. Some principles of linguistic methodology. *Language in Society* n. 1, p. 97-120, 1972b.

LABOV, W. The logic of nonstandard English. In: LABOV, W. (ed.). *Language in the Inner City*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972c. p. 201-240.

LABOV, W. *Principles of Linguistic Change: Social Factors*. Cambridge, UK: Blackwell, 2001.

MACAULAY, R. K. S. *Language, Social Class and Education: A Glasgow Study*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1977.

MENDOZA-DENTON, N. Muy macha: gender and ideology in gang girls' discourse about makeup. *Ethnos*, n. 61, p. 47-63, 1996.

MILROY, L. *Language and Social Networks*. Oxford: Blackwell, 1980.

MODARESSI, Y. *A sociolinguistic analysis of modern Persian*. Tese de Doutorado. University of Kansas, 1978.

MOORE, E. Sociolinguistic style: a multidimensional resource for shared identity creation. *The Canadian Journal of Linguistics* n. 49, p. 375-396, 2004.

MOORE, E.; PODESVA, R. J. Style, indexicality and the social meaning of tag questions. *Language in Society* n. 38, p. 447-485, 2009.

OHALA, J. The frequency code underlies the sound-symbolic use of voice pitch. In: HINTON, L.; NOCHOLA, J. OHALA, J. J. (eds.). *Sound Symbolism*, Cambridge, UK/New York: Cambridge University Press, 1994. p. 325-347.

PODESVA, R. On constructing social meaning with stop release bursts. In: SOCIOLINGUISTICS SYMPOSIUM 15, 2004, Newcastle upon Tyne.

PODESVA, R. J. Phonation type as a stylistic variable: the use of falsetto in constructing a persona. *Journal of Sociolinguistics*. n. 11, p. 478-504, 2007.

PODESVA, R. J.; ROBERTS, S. J.; CAMPBELL-KIBLER, K. Sharing resources and indexing meanings in the production of gay styles. In: CAMPBELL-KIBLER, K.;

PODESVA, R. J.; ROBERTS, S. J.; WONG, A. (eds.). *Language and Sexuality: Contesting Meaning in Theory and Practice*. Stanford, CA: Center for the Study of Language and Information Press, 2002. p. 175-190.

PRESTON, D. *Perceptual Dialectology*. Dordrecht: Foris, 1989.

RAUNIOMAA, A. Stance accretion. In: LANGUAGE, INTERACTION AND SOCIAL ORGANIZATION RESEARCH FOCUS GROUP, 2003, University of California, Santa Barbara.

RICKFORD, J. The need for new approaches to class analysis in sociolinguistics. *Language & Communication* n. 6, p. 215-221, 1986.

SANKOFF, G. Age: apparent time and real time. In: BROWN, K. (ed.). *Elsevier Encyclopedia of Language and Linguistics*. Oxford: Elsevier, 2^a ed., 2006. p. 110-116.

SILVERSTEIN, M. Indexical order and the dialectics of sociolinguistic life. *Language & Communication* n. 23, p. 193-229, 2003.

TRUDGILL, P. Sex, covert prestige and linguistic change in the urban British English of Norwich. *Language in Society* n. 1, p. 179-195, 1972.

TRUDGILL, P. *The Social Differentiation of English in Norwich*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1974.

WOLFRAM, W. *A Sociolinguistic Description of Detroit Negro Speech*. Washington, DC: Center for Applied Linguistics, 1969.

WONG, A. The re-appropriation of Tongzhi. *Language in Society* n. 34, p. 763-793, 2005.

ZHANG, Q. A Chinese yuppie in Beijing: phonological variation and the construction of a new professional identity. *Language in Society* n. 34, p. 431-466, 2005.

ZHANG, Q. Rhotacization and the “Beijing Smooth Operator”: the social meaning of a linguistic variable. *Journal of Sociolinguistics* n. 12, p. 201-222, 2008.

Tradução submetida em: 19 mar. 2022

Aceita em: 09 abr. 2022

DOI: <https://dx.doi.org/10.22456/2238-8915.122962>